

CONFISSÕES
SANTO AGOSTINHO

IMPRESA NACIONAL

INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que as *Confissões* são simultaneamente uma obra de psicologia, de filosofia, de teologia, de poesia e de mística, embora tudo isto se conjugue para demonstrar a intervenção de Deus através de todas as causas segundas no itinerário espiritual de Agostinho (Pierre Courcelle, *Recherches sur les Confessions de saint Augustin*, Paris, 1950, p. 27). Como relato autobiográfico, as *Confissões* constituem, a par do *De Anima* de Tertuliano e do *Diálogo* de Gregório de Nissa com a sua irmã Macrina sobre a alma e a ressurreição, uma das primeiras etapas na constituição duma psicologia racional. Contudo, os temas que vêm sendo estudados com maior empenho são a sua origem e a data de composição e, mais particularmente, o seu valor histórico e unidade temática.

É praticamente impossível datar com absoluta precisão a redação das *Confissões*. No entanto, sabe-se que estava terminada nos fins de 400. Sobre o seu valor histórico, manteve-se, durante quase um século, uma acesa discussão, que hoje se pode considerar praticamente encerrada, decidindo-se a maioria dos autores, graças à distinção entre factos e juízos, pela veracidade histórica dos factos narrados por Agostinho (cf. P. Labriolle, «Introduction» a *Les Confessions*, Les Belles Lettres, Paris, 1925).

A unidade da obra ressalta claramente do título e da intenção, tantas vezes manifestada por Agostinho, de louvar a Deus pelos bens e pelos males recebidos (*Retr.* 2, 6). É este precisamente o sentido essencial das palavras latinas *confiteri* e *confessio*, como, por diversas vezes e em diversos lugares, Agostinho explicou (*Conf.*, X, 1, 1; *In Jo.* XII, 13; *In Ps.* 94, 4, 1052; *Sermo* 67, I, 2 e II, 4). *Confessio* vem a ser, no entendimento do nosso autor, a confissão dos pecados, que estabelece o pecador na sua verdade e o dispõe ao perdão de Deus. Deste modo, confessar os pecados é identicamente louvar a Deus, que é sem pecado e, por isso, pode perdoar, devolvendo o pecador à sua primeira condição de inocência

(cf. J. Ratzinger, «Originalität und Ueberlieferung in Augustins Begriff der *Confessio*», *Revue des Études Augustiniennes*, 3, 1957, pp. 375-392). «Dupla é a confissão, diz Agostinho, a do pecado e a do louvor (*In Ps.* 29, 19); «há a confissão do homem que louva e a confissão do homem que geme» (*In Ps.* 94, 4). Portanto, como justamente observa Le Blond, *confissão* significa, ao mesmo tempo, *declaração* dos pecados e *louvor* da misericórdia e das grandezas de Deus (*Les conversions de saint Augustin*, Paris, 1950, pp. 6-11).

Ora, as *Confissões* são isto mesmo: a proclamação da presença constante de Deus na vida de Agostinho, o que Deus fez por ele em toques discretos, tantas vezes sem ele mesmo disso se aperceber (*Conf.*, II, VII, 15). A isto chama Agostinho *fazer a verdade* diante de Deus, seu único e verdadeiro interlocutor nesse longo e misterioso diálogo, que, à primeira vista, mais parece um monólogo interior de si consigo mesmo, antes que um olhar mais atento aí descubra o mestre interior, a verdade substancial que paira por toda a parte, disponível a todos e respondendo a todos os que a consultam (*Conf.*, X, II, 2; XXVI, 37). As *Confissões* representam, deste modo, o esforço de Agostinho para se *situar* na *verdade de Deus* (*Conf.*, X, I, 1). Precisamente, a melhor maneira de fazer esta verdade é a confissão, renunciar à própria justificação e reconhecer a graça de Deus. *Fazer a verdade* não apenas diante de Deus, mas também na presença dos homens (*Conf.*, X, I, 1), para seu proveito e edificação, por insignificante que seja o número daqueles que cheguem a ler este escrito (*Conf.*, II, III, 5). Na presença de Deus e à luz da sua verdade, Agostinho dá um testemunho não só pessoal, mas sobretudo eclesial, como *pastor* e *doutor*, da presença misericordiosa de Deus em todos os acontecimentos e vicissitudes da sua vida e da história de cada homem, em particular, e da humanidade, em geral.

Demonstrada a unidade de facto das *Confissões*, importa demonstrar a sua unidade de *direito* ou *intencional*, o que se revela mais difícil.

Alguns autores recorrem a uma determinada sequência temática, recolhida da terminologia de Agostinho, na tentativa de surpreender a articulação lógica que presidiu à sistematização interna dos treze livros, dentro da intenção geral de *confissão*. L. Landsberg, seguido por Le Blond, faz corresponder o grupo I-IX ao tema da *memoria* — evocação do passado —, o livro X ao tema do *contuitus* — atenção presente — e o grupo XI-XIII ao tema da *expectatio* — antecipação do futuro. Aimé Solignac considera, com

razão, que ao terminar o livro XIII, depois de ter considerado a totalidade da criação na sua realidade material e na sua significação espiritual, quer dizer, como figura da Igreja e do Universo dos santos, Agostinho, muito justamente, deu por concluída toda a sua obra, fechando o ciclo dialético do tempo, que se abriu para nós a partir da eternidade do *fiat* criador e se encerra na eternidade do repouso celeste, com a evocação do repouso do Sétimo Dia, da paz do Sábado, que não conhece ocaso («Introduction» a *Les Confessions*, pp. 23-24). Por sua vez, N. J. Knauer, num artigo notável («Peregrinatio animae. Zur Frage der Einheit der augustischen Konfessionen», publicado, em 1957, na revista *Hermès*, 85, pp. 216-248), desenvolve, sob a imagem da *peregrinatio animae*, ou itinerário da alma, um esquema unitário das *Confissões* que, pelas brenhas sinuosas do pecado, conduz Agostinho à *regio egestatis* (região da indigência) e à *regio longinqua* (região longínqua), a evocar, numa alusão clara à parábola do filho pródigo, o negro abismo da queda no termo do seu afastamento de Deus (*Conf.*, II, x, 18), antes de ser reconduzido, pouco a pouco, sob influência divina, à *regio ubertatis*, à eterna *Hierusalem* (*Conf.*, IX, x, 24; XIII, xxxvii). Só então o *inquietum cor* encontra perfeita e definitiva paz no seio de Deus (*Conf.*, I, I, 1).

Certamente que Agostinho não se limitou a justapor dez livros, nos quais fala de si (*de me*), a outros três, que falam das Santas Escrituras — *de scripturis sanctis* (*Retr.*, 12, pp. 460-461). É natural que exista entre os dois grupos de livros uma relação muito mais profunda, capaz de explicar mais satisfatoriamente que o Agostinho místico e lírico é também o Agostinho filósofo e teólogo. De resto, sendo o relato das *Confissões* eminentemente pessoal e intensamente vivido, a ponto de conquistar, pela sua verdade e profundidade humana, estatuto de universalidade, será sempre possível descobrir nelas os temas essenciais e permanentes do homem em busca da verdade e da paz.

A conversão de Agostinho, tal como ele a revive e descreve, corresponde, no fundo, a toda e qualquer conversão, e replica ou dobra o movimento natural pelo qual a criatura espiritual se *forma* corretamente, volvendo sobre si, em resposta ao apelo do Verbo divino, de modo a tornar-se *alma viva*, à semelhança de Deus, que a criou (*Conf.*, X, ix, 14). É neste contexto dramático que as *Confissões* cantam publicamente o reencontro de Agostinho com o seu Deus, as constantes demonstrações de ternura, desvelo e carinho, com que sempre o acompanhou (*Conf.*, IX, iv, 7; V, vi, 10; VII, xxi, 27; X, xxvii, 38), não desdenhando chamar-lhe, em

brincada e graciosa linguagem de infância, «minha claridade, e minha riqueza, e minha salvação» (*Conf.*, IX, 1, 1). E a cada passo o poeta inspirado adianta-se ao filósofo austero e ao teólogo intransigente, servindo-se como mote de certos versículos colhidos dos *Salmos*, para dar desafogo ao tropel de sentimentos que o submergem (cf. L. Poque, *Les Psaumes dans les Confessions de saint Augustin et la Bible*, Paris, 1986, pp. 155-166). O paradoxo do ser e do agir de Deus, a incapacidade da linguagem humana em dizê-lo adequadamente, é salmodiado em tom de júbilo e de ação de graças (*Conf.*, I, iv, 4-V, 5). E, de Hipona, frequentes notícias nos chegam a cada passo por Teresa d'Ávila, João da Cruz e tantos outros.

O Deus de Agostinho, ser Pessoal, Transcendente, Infinito, Onnipotente, Criador, Providente, Salvador e Redentor de todos os homens em seu Filho Jesus Cristo, nada tem a ver com a «omnipotência do Ser uno e idêntico» de Plotino (*Enn.* VI, 4 e 5). O Deus presente nas *Confissões* é absolutamente transcendente, nada lhe faz obstáculo, e, por isso, é profundamente imanente, sem que nada o possa contaminar. Amor Infinito, Pai de Bondade, porque tudo criou gratuitamente, porque chama, convoca, ordena e dirige com mão forte e suave. Mãe de Misericórdia, porque espera, cuida, acalenta, nutre, amamenta, perdoa e abraça em transportes de alegria e felicidade. Como são belas as mãos que, cheias de *bondade*, seguram na sua onnipotente *verdade* o mundo por elas criado (*Conf.*, VII, xv, 21).

O Agostinho convertido teve que entrar em si e descer ao mais fundo de si mesmo ou, paradoxalmente, ao mais elevado de si, para aí encontrar o seu Criador, acima de si, segundo o movimento dialético expresso na fórmula tradicional, tipicamente agustiniana: *Tu autem eras interior intimo meo et superior summo meo* — «Tu eras mais interior do que o íntimo de mim mesmo e mais sublime do que o mais sublime de mim mesmo» (*Conf.*, III, vi, 11).

Esta breve definição de Deus diz ao mesmo tempo, como já vimos, a sua imanência no seio de todas as criaturas, do homem em particular, e a sua transcendência acima de tudo o que o espírito humano tem de mais sublime. Deste modo se corrige e vence toda a tentação panteísta. As duas metáforas designam ao mesmo tempo a tensão constitutiva do espírito humano na sua relação a Deus e o movimento de transcendência que como tal o caracteriza. Só o homem interior está apto a descobrir o seu Deus, o Deus do coração (*Conf.*, IV, ii, 3). Este ato de interioridade provoca ao mesmo tempo uma renovação do olhar, que,

acrescido de maior acuidade, descobre a relatividade do seu ser, da sua bondade e beleza, da sua verdade, sinais e vetores para o Ser, para o Bem e Verdade em si mesmos (*Conf.*, VII, XI, 17). A partir deste momento, Agostinho sente-se habilitado a interrogar todas as coisas, a terra, o mar, o céu acerca do seu Deus, e sabe ouvir e recolher em seu coração alvoroçado a resposta jubilosa: «Foi Ele que nos fez.» O seu interrogar é agora o olhar mais humilde e atento; a resposta das coisas, o ser que está aí com todo o esplendor da sua beleza — *interrogatio mea intentio mea et responsio eorum species eorum* (*Conf.*, X, VI, 9). A beleza das coisas está patente a todos, mas só a interpretam corretamente, como sinal e símbolo, os que, ao vê-la fora, interiormente a julgam, comparando-a com a verdade aí descoberta (*Conf.*, X, X, 10). A contemplação do mundo exterior constitui a primeira etapa no itinerário do espírito para Deus. A segunda é o espetáculo maravilhoso e deslumbrante que nos depara o mundo interior, com os imensos palácios da memória — *et uenio in campos et lata praetoria memoriae* (*Conf.*, X, VIII, 12). «Dirigi-me, então, a mim mesmo e a mim mesmo disse: ‘Tu quem és?’ E respondi: ‘Um homem’. E eis que estão em mim, ao meu serviço, um corpo e uma alma, uma coisa exterior, outra interior.» (*Conf.*, X, VI, 9) Mas a alma é superior porque anima o corpo, comunicando-lhe a vida. E Deus é ainda superior à alma porque é nela a vida da sua vida. Por isso, só pela alma poderá o homem ascender a Deus — *per ipsam animam meam ascendam ad illum* (*Conf.*, X, VII, 11). A terceira etapa consiste em procurá-lo n’Ele mesmo, mas acima de si — *in te supra me* (*Conf.*, X, XXVI, 37). E isto porque a própria alma se mostra contingente, mutável — *si tuam naturam mutabilem inueneris transcendes et teipsum* (*De Vera rel.*, 39, 72). Um *supra* que, em relação ao mundo exterior, continua a ser fundamentalmente um *intus*, um *dentro de mim* enquanto eu andava *por fora* — *ecce intus eras et ego foris* (*Conf.*, X, XXVII, 38). Simultaneamente imanente e transcendente ao homem, Deus é, de certo modo, como diz P. Claudel (*Vers d’exil*), mais eu do que eu mesmo. Deus é, em natureza, o absoluto Outro, que não só não aliena, mas a todos quer, ama e tudo promove. É superior, não porque acima e dominador, mas porque, humilde e dadivoso, tudo precede e funda como Amor infinito e providente, que tudo cria e sustenta a partir do nada — *de nihilo enim a te, non de te* —, com mão tente e poderosa (*Conf.*, XIII, XXXIII, 48; III, VI, 11).

Deste modo, o Deus de Agostinho não se confunde com a longínqua e nublosa *Causa sui* da metafísica clássica, inacessível a toda a invocação de piedade e de louvor que saia, comovida,

do coração humano. É à luz do Deus pessoal, vivo e sensível da Bíblia, dominante nas *Confissões*, que deve ser interpretado o pensamento agostiniano, do qual Cristo é a fonte e o princípio inspirador como Palavra Encarnada do Pai, para alumiar, de verdade e de graça, todo o homem que vem a este mundo.

Criado à imagem de Deus, o homem é chamado a realizar, em liberdade e consciência, tudo o que de ontológico e estrutural implica o ser imagem, para, desse modo *convertido*, quer dizer, na posse da verdade de si mesmo, se transformar em semelhança, que é já participação da vida divina. Do esforço em responder à vocação da imagem, que transporta consigo em sucessivas e crescentes aproximações, depende a sua felicidade. Daqui o instante apelo de Agostinho a não nos deixarmos andar por fora, a regressarmos quanto antes à nossa interioridade, pois é aí que habita a verdade por que ansiosamente suspiramos — *in interiore homine habitat ueritas* (*De Vera rel.*, 39, 72). Este binómio *intus-foris* é um dos esquemas mais expressivos de toda a antropologia e ontologia de Agostinho. Nele se condensa e resume, por assim dizer, tudo o que encontramos de mais dramático e emotivo na experiência de uma vida na qual, finalmente, descobre, com imensa mágoa, o que de desgraça e infelicidade representa o ter andado tanto tempo por fora e longe de Deus, porque por fora e longe de si. A comovidíssima descrição que dessa experiência nos deixou Agostinho constitui, no dizer de um crítico literário, um dos melhores exemplos do lirismo que nos surpreende nas *Confissões*. «Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! E eis que estavas dentro de mim e eu fora — *intus eras et ego foris* —, e aí te procurava, e eu, sem beleza, precipitava-me nessas coisas belas que tu fizeste. Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti aquelas coisas que não seriam, se em ti não fossem.» (*Conf.*, X, xxvii, 38)

O andar por fora e alheado de si, em desacordo com a ontológica condição de imagem, repercute-se ao nível da consciência psicológica em termos de inquietação, companheira inseparável do homem nesta vida mortal ou morte vital (*Conf.*, V, vi, 7). A paz ou quietude final não a pode o homem alcançar só por si, mas o Verbo eterno, que é antes dos tempos, nascido no tempo, chama à vida os seres temporais, para os fazer imortais — *uocans temporales, faciens aeternos* (*In Ps.* 101, II, 10-11). O próprio tempo, que não é mais do que o derramar-se ou distender-se da alma pelo passado, que lhe foge, e pelo futuro, que lhe tarda, será resgatado e absorvido pela eternidade perene (*semper*), insucessiva (*semel*)

e simultânea (*simul*) da imutável presença de Deus a si e a todas as criaturas (*Conf.*, XII, xv, 18). Entretanto, a alma fiel luta todos os dias contra a dispersividade ou dissipação (*distentio*) pela concentração em si mesma (*intentio*) e de olhar fixo nos bens que não têm fim (*Conf.*, XI, xxix, 39).

Poucos homens exerceram sobre o pensamento europeu uma influência tão profunda e duradoura como Agostinho de Hipona. Apesar de negativa, em alguns casos, como por exemplo na história das doutrinas do pecado original, da graça e da predestinação, o melhor dessa influência reside no contributo positivo para a atual configuração do espírito europeu, a ponto de ser considerado por muitos como Pai comum do Ocidente.

De resto, muitas das páginas que escreveu sobre a liberdade e a graça, sobre a razão e a fé, sobre a cidade de Deus e a Igreja, etc., tornaram-se clássicas e são ainda hoje uma referência inevitável tanto em teologia como em filosofia. Karl Jaspers, por exemplo, não hesita em incluí-lo entre os que fundam a filosofia e continuam a fundá-la (*Les grands philosophes*, t. II). Por sua vez, Martin Buber vê nele um dos primeiros pensadores que ousaram conjugar a existência na primeira pessoa (*Le problème de l'homme*, Paris, 1962, pp. 22 e segs.).

As *Confissões* são hoje uma das obras mais lidas e comentadas. O seu fascínio é geral, porque nelas se reflete o homem universal que vive em cada um de nós, tantas vezes oculto e ignorado. Aí se relata a história de um homem convertido, que voltou a Deus, e que aprendeu a dialogar com Ele através dos versículos bíblicos porque Deus tomou a iniciativa de descer a trato familiar com os homens, em presença e linguagem humanas. A conversão pô-lo em condição de compreender o *grande livro da criação do céu e da terra* (*Génesis* 2:4), de que abundantemente se serve para *fazer a sua verdade* diante de Deus e no meio dos homens, isto é, para dizer e proclamar o que realmente é, ou seja, a reconhecer em si o dom de Deus, porque de Deus tudo depende e nada se lhe pode esconder (*Conf.*, II, III, 5; X, I, 1 e II, 2).

Como no tempo de Agostinho, também o homem de hoje tem fome e sede de Deus. E também hoje não falta quem pretenda «saciar as insaciáveis paixões da copiosa indigência» com ideias e doutrinas que ostensivamente ignoram ou desdenham a ordem fixada desde sempre para apagar a sua sede espiritual e oferecer alimento substancial à fome de eternidade (*Conf.*, I, XII, 19).

Que as *Confissões* de Agostinho, lidas e meditadas, possam ajudar os homens de hoje a *fazer a sua verdade* interior com liber-

Introdução

dade e isenção, de modo que se criem relações cada vez mais verídicas, sólidas e justas, no interior de si próprios, com Deus e com toda a humanidade.

Lisboa, 11 de setembro de 2000

† MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS

LIBER I

I

I.1. «magnus es, domine, et laudabilis ualde»: «magna uirtus tua et sapientiae tuae non est numerus». et laudare te uult homo, aliqua portio creaturae tuae, et homo circumferens mortalitatem suam, circumferens testimonium peccati sui et testimonium, quia «superbis resistis»: et tamen laudare te uult homo, aliqua portio creaturae tuae. tu excitas, ut laudare te delectet, quia fecisti nos ad te et inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te. da mihi, domine, scire et intellegere, utrum sit prius inuocare te an laudare te et scire te prius sit an inuocare te. sed quis te inuocat nesciens te? aliud enim pro alio potest inuocare nesciens. an potius inuocaris, ut sciaris? «quomodo autem inuocabunt, in quem non crediderunt? aut quomodo credunt sine praedicante?» «et laudabunt dominum qui requirunt eum». «quaerentes enim inueniunt eum et inuenientes laudabunt eum. quaeram te, domine», inuocans te et inuocem te credens in te: praedicatus enim es nobis. inuocat te, domine, fides mea, quam dedisti mihi, quam inspirasti mihi per humanitatem filii tui, per ministerium praedicatoris tui.

LIVRO I

I

[Agostinho manifesta a intenção de louvar a Deus]

I.1. Senhor, tu és grande e digno de todo o louvor¹. Grande é a tua virtude e a tua sabedoria não tem limites². Quer o homem louvar-te, ele que é uma parte da tua criação, o homem que irradia a sua mortalidade³, que irradia o testemunho do seu pecado e o testemunho de que tu resistes aos orgulhosos⁴; e contudo quer louvar-te o homem que é uma parte da tua criação. És tu que fazes com que ele se delicie em louvar-te, porque tu nos fizeste para ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em ti. Senhor, faz com que eu saiba e compreenda⁵ se devo invocar-te primeiro ou louvar-te, se primeiro devo conhecer-te ou invocar-te. Mas quem te invoca sem te conhecer? Porque sem saber pode invocar uma coisa por outra. Ou, pelo contrário, será que és invocado para seres conhecido? *Mas como hão de invocar aquele em quem não creram?* Ou como creem se não houver pregador?⁶ *E louvarão o Senhor aqueles que o procuram*⁷. Pois quem o procura encontra-o, e quem o encontra louvá-lo-á. Que eu te procure, Senhor⁸, invocando-te, e te invoque crendo em ti: pois a nós já foste pregado. Invoca-te, Senhor, a minha fé⁹, a fé que tu me deste e me inspiraste pela humanidade do teu Filho, pelo ministério do teu pregador.

¹ Salmo 47:2; 95:4; 144:3.

² Salmo 146:5.

³ 2 Coríntios 4:10.

⁴ 1 Pedro 5:5; Tiago 4:6.

⁵ Salmo 118:34, 73, 144.

⁶ Romanos 10:14.

⁷ Salmo 21:27.

⁸ Mateus 7:7-8; Lucas 11:10.

⁹ Romanos 10:14.

As *Confissões* de Santo Agostinho, no dizer de Eduardo Lourenço, são obra mítica da Cultura Ocidental. Na verdade, se por mítica se entende aquela obra que, ao dizer e confessar, está simultaneamente a criar uma demanda originária, que enraíza matricialmente numa mundividência sobre a qual exerce um fascínio quase inexplicável, então a história da sobrevida e da tradução das *Confissões* torna pertinente tal designação.

É inegável que, se o gênero *confessional* não foi inaugurado por Santo Agostinho, foi ele quem, com as *Confissões*, mais divulgou a literatura de *viagens interiores*, de autobiografia íntima, de subida às moradas e aos *palácios da memória* que marcou, profundamente, a nossa espiritualidade e contribuiu para um processo de elaboração da nossa consciência.

A liberdade, a amizade, a procura, o encontro, a alegria, o louvor; as emoções, os sentimentos, a razão, a fé; a criação, o tempo, a memória, a eternidade; o mal, o pecado, o erro, a culpa, a ilusão e a desilusão: eis a experiência de um homem de *carne e osso* que, em toda a sua riqueza e complexidade, converge para as *Confissões*, e que releituras sucessivas de certo modo universalizaram e concretizaram.

Rer as *Confissões* é ampliar, com o nosso, o seu testemunho. É esta a leitura apropriada, pois o pensamento agostiniano, mormente nas *Confissões*, reverte o tempo crônico — esse devorador dos seus próprios filhos — pela remissão para uma ordem sincrônica que pode ser, nesta hora, uma vitória sobre o desespero e o terror do tempo. É, por isso, um pensamento aberto ao possível e, talvez, ao impossível. E isto é o que mais importa pensar.

ISBN 978-972-27-2511-8



9 789722 725118